Universidade de Brasília, 1997.
BERTASO, João Martins. A cidadania moderna: a leitura de uma transformação. In: DAL RI JÚNIOR, Arno; OLIVEIRA, Odete Maria de (Org). Cidadania e nacionalidade: efeitos e perspectivas: nacionais, regionais e globais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. p. 435-462.
CEDECO. “Ambiente: por um futuro comum”. In: Revista Aportes. Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rumo a um equilíbrio, N ° 115. Costa Rica. 1997.
FERREIRA, Nilda Teves. Cidadania: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
FREIRE. Pedagogia da indignação. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
GONZÁLEZ, L. “Direitos humanos, desafios contemporâneos”. Apresentação. XV Seminário Latino-Americano de Serviço Social. Guatemala. 1995.
IBAMA. Diretrizes de educação ambiental. Brasília: Divisão de Educação Ambiental (DIED), 1995.
MEDINA, N. Educação ambiental: Uma nova perspectiva. Série Cadernos Pedagógicos. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Universidade Federal do Mato Grosso, 1994.
MINC, C. Educação ambiental. Caderno Cedes, nº 29, 1999.
NIKKEN, P. “O conceito de Direitos Humanos”. In: Cerdas, R. e Loaiza, R. (comp.), Manual das forças armadas. Costa Rica: Loaiza-IIDH. 1994.
PANAYOTOU, T. Ecologia, meio ambiente e desenvolvimento. Debate, crescimento vs. Conservação. México: Gernica. 1994.
ROBERTS, B. “A América Central em reestruturação. Cidadania e política social”, Cidadania e política social na América Latina. Costa Rica: FLACSO. 1998ª.
_____. "Introdução". In: Roberts, B. (ed.), Cidadania e política social na América Latina. Costa Rica: FLACSO. 1998b.
VELÁSQUEZ, M. e REYES, C. Para construir a paz, deixe-nos conhecer e viver os Direitos Humanos. Colômbia: Susaeta. 1992.
THOMPSON, J. "Fundação Filosófica Histórica dos Direitos Humanos". In: Cadernos de estudo. Série: Educação e Direitos Humanos. 1. Costa Rica. 1988.
ZEPEDA, G. Direito a um ambiente saudável. Costa Rica: CSUCA. 1997.

INTERAÇÕES: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

EDNEIA ALVES SILVA PEREIRA

RESUMO

Ao passar do tempo os desafios de uma escola para ensinar com qualidade só aumentam, e por conta da falta de planejamento para a política da educação inclusiva, as escolas não tem muito sucesso e apresentam dificuldade em lidar com a diversidade na maioria dos sistemas escolares. Para os alunos com necessidades especiais, o acesso a uma classe comum nas escolas ainda continua mínimo e persistem várias questões não resolvidas sobre como operacionalizar a prática o princípio filosófico da inclusão escolar, de modo a promover além da socialização, o rendimento escolar desses alunos. Uma das alternativas para melhoria é priorizar a qualificação dos professores, inclusive dos que já defrontam com esses alunos em suas turmas. Além da inclusão escolar às crianças com deficiência é importante ressaltar que os alunos que não as possuem precisam ser tratados com a mesma dedicação, pois estes, quando a escola não tem preparo podem sofrer com a falta de estrutura para lidar a diversidade e até serem prejudicados no desemprenho escolar. Por isso, surgiu a InterAções que é um projeto com o intuito de ser lançado no mercado com o objetivo de gerar impacto positivo na sociedade, atacando o problema social da falta de empatia entre grupos distintos. Através de atividades levar um novo conceito a inclusão social dentro das escolas e percorrer um caminho paralelo ao do mercado tradicional, enfrentando o desafio de traçar suas estratégias sem ter concorrentes diretos nos quais se espelhar. O principal objetivo deste projeto é mostrar a capacidade do ser humano quando ainda crianças de conviver com as diferenças dentro de uma mesma sociedade.

Palavras chave: Projeto, relações, social, extraclasse, gêneros, atividades, educação especial, inclusão escolar.

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho e INTERAÇÕES - Uma nova perspectiva para as relações interpessoais. Fala sobre a falta do conhecimento e convivência com crianças de necessidades especiais faz com que as outras crianças e toda comunidade acadêmica não saibam lidar e não entendam as limitações de seus colegas, e além de excluir, acabam não colaborando para a adaptação e inclusão destes.

A justificativa para escolha do tema está relacionada está relacionada ao dia a dia focando nas atividades extracurriculares proporcionando novas experiências dentro das escolas e gerar impacto positivo na sociedade, atacando o problema social da falta de empatia entre grupos distintos. Ao percorrer um caminho paralelo ao do mercado tradicional, enfrenta o desafio de traçar suas estratégias sem ter concorrentes diretos nos quais se espelhar.

O principal objetivo deste projeto é mostrar a capacidade do ser humano quando ainda crianças de conviver com as diferenças dentro de uma mesma sociedade.

O objetivo geral da pesquisa e trazer empatia e conhecimento de uma realidade que essas crianças não vivem e mostrar a capacidade do ser humano quando ainda crianças de conviver com as diferenças dentro de uma mesma sociedade em um trabalho de dinâmica de grupos participando das diferenças para a inclusão social.

O objetivo específico engloba em promover a empatia e vivência para as crianças que não possuem necessidades especiais, inclusão educacional as crianças com necessidades especiais, que a criança leva o seu conhecimento para a sua casa iniciando uma rede de empatia aos adultos que não participarem diretamente das atividades, sensibilizar toda a comunidade acadêmica e aprimorar o conhecimento dos docentes para lidar com as diferenças.

Vivemos atualmente problemas sociais no Brasil e no mundo, é difícil pensar que ainda enfrentamos preconceito e que pessoas são excluídas dos meios sociais por razão da sua religião, cor da pele, limitações financeiras, físicas e psicológicas. Vivemos um período de extremismos, em que diferenças são usadas para discursos de ódio e para sustentação de

preconceitos. As pessoas se afastam umas das outras e não conseguem se identificar nem mesmo com quem convivem diariamente. E assim, uma briga de trânsito acaba em morte, um menor infrator é amarrado a um poste, um homossexual é agredido e um morador de rua insistentemente ignorado.

A inclusão social está ligada a todas as pessoas que não tem a mesma oportunidade e nesse trabalho falaremos de como a sociedade recebe essas crianças dentro das escolas e toda a comunidade.

A escola precisa se preparar e desenvolver um bom trabalho para receber os alunos com necessidades especiais sem que afete o desenvolvimento das crianças que não as possuem. Para que essa recepção ocorra, a melhor maneira é proporcionar vivência a toda a comunidade para que entendam e possam viver cada necessidade, é importante que toda a escola e a família estejam trabalhando de forma harmoniosa e o grande objetivo é que com as vivências as crianças levem às suas famílias e quebrem tabus e preconceitos.

O trabalho do coordenador pedagógico é muito importante pois ele irá conduzir e orientar toda a sua equipe de docentes e funcionários em geral da escola, do porteiro à Direção, todos devem ser envolvidos no processo afim de que todo o processo educativo se desenvolva coerentemente, favorecendo meios adequados para que todos possam usufruir das dinâmicas e atividades propostas.

Uma das grandes dificuldades é não encarar a deficiência como limitação do outro criando oportunidades para que a criança possa se desenvolver, dessa forma é importante que não se tenha pena e nem se trate com diferenças, mas tratar o "diferente" de forma mais natural possível evitando assim que, mesmo que involuntariamente se pratique o buillyng.

A metodologia utilizada será através de referências bibliográficas de vários autores envolvidos com o tema; resumos a partir de textos sobre o tema em questão e mostrando as inúmeras formas de contribuição à sociedade para se tratar de inclusão social e educacional às crianças com algum tipo de deficiência ou diferenças no ambiente em que vive, auxiliando toda a comunidade acadêmica trazendo empatia ao que é desconhecido.

A INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR

No Brasil, as crianças eram tratadas como adultos e não iam às escolas, a preocupação em se iniciar uma vida acadêmica com elas aconteceu a partir do século XIX, atendendo inicialmente apenas as famílias de maior poder aquisitivo. Ao passar do tempo, os camponeses reivindicaram por meio dos movimentos sociais um espaço educativo aos seus filhos. Daí encontra-se uma diferença dos objetivos educacionais entre classes, os filhos de família rica eram entregues a preceptores com orientação para disciplinamento e intelectual, já os mais pobres eram encaminhados aos asilos para serem cuidados e alimentados e até iniciados em um oficio. Nessa época, as crianças com deficiência ainda eram "invisíveis" e não tinha espaço para uma educação escolar especifica para esse grupo nas sociedades antigas.

A educação especial ganhou voz com o passar dos anos e foi tradicionalmente organizada com base em um atendimento educacional especializado que substituiu o ensino comum pela criação de institutos especializados, escolas especiais e classes especiais em escolas regulares. Criou-se o estatuto da criança e do adolescente que passou a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva, observando novas perspectivas para a Educação Especial.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n 9.394/96) tem no capítulo V as normas para a Educação Especial. O art. 58 ao preconizar que a educação especial seja oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos portadores de necessidades especiais, não exclui a oferta de atendimento educacional especial em escolas ou classes especiais. O art. 59 define currículo, metas e organização para atender a educação especial.

Por meio de leis, decretos, resoluções, emendas e programas, emergem várias ações na promoção de uma educação inclusiva mais próxima aos anseios da sociedade. As mudanças abrangem desde o uso do sistema Braille, passando pela acessibilidade nas instalações dos estabelecimentos de ensino assim como a inclusão de língua de sinais (Libras) no ensino regular.

As escolas vivem em constantes transforma-

ções e a cada dia que passa a importância da inclusão vem sendo cada vez mais discutida e se efetivado, porém as escolas ainda precisam se especializar e se preparar para receber e desenvolver estes alunos. As diversas síndromes a que se tem conhecimento hoje dificultam que as escolas estejam de fato preparadas para essas mudanças e atender todas as diversidades encontradas em sala de aula.
A grande questão em discussão é o estreitamento entre a Educação Especial e a Educação Comum afim de atender todas as necessidades sem que atrase os alunos que não apresentem qualquer tipo de deficiência. Alguns estudos apontam que as crianças com necessidades especiais apresentam melhor desempenho social em escolas de Ensino Comum quando comparadas aquelas que recebem apenas o ensino especializado, em contrapartida ainda se discute a insuficiência das evidências sobre as vantagens e desvantagens da inclusão escolar e ainda são necessárias pesquisas sobre as avaliações e implementações da educação inclusiva nas escolas comuns, pois estas precisam se preparar para receber esses alunos.
As crianças com deficiências mais severas têm maior dificuldade para a inclusão escolar e social porem com apoio da família e uma equipe bem preparada e possível que a inclusão aconteça com qualidade devendo de preferência ser iniciada nos primeiros anos de vida. Fala-se muito da educação inclusiva aos estudantes que possuem necessidades físicas e mentais, porém dentro do âmbito escolar temos também o preconceito de raças, religiosas e tantas outras que faça com que o indivíduo se torna diferente. Trata-se de uma grande tentativa e movimento de todo mundo para que se derrube os paradigmas de uma cultura que não está habituada a conviver com o novo e no Brasil temos leis que nos amparam legalmente como LDB nº9.394 (BRASIL, 1996), Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001ª), Diretrizes Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2001b).

O DESAFIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DENTRO DA COMUNIDADE ACADÊMICA

Nas escolas os professores têm receios de alunos com características que eles desconhecem, muitas dúvidas em relação às possibilidades de desenvolvimentos desses alunos e ao trabalho a ser realizado com eles. O maior mérito é colocar em foco a condição de sujeitos marcados pela diferença principalmente no contexto escolar, mas levando em consideração todos os aspectos da vida dele. Os profissionais da comunidade acadêmica precisam conhecer as necessidades e implementar prática educativa apropriada ao seu desenvolvimento focando características físicas, intelectuais, linguísticas, sócio afetivas diferenciadas, religião e raciais.
Reconhecer o outro nas suas diferenças e considerar suas singularidades na construção da prática pedagógica são requisitos básicos da formação dos profissionais da educação e parte dos fundamentos de sua prática pedagógica.
Em nossa realidade educacional atual, nos deparamos com a diversidade de alunos com diagnósticos clínicos diferentes que são hoje apresentados a equipe pedagógica, como se esta tivesse total domínio dos termos empregados pelos profissionais de saúde. Muitas vezes a família acredita que os problemas apresentados na escola por esse aluno estarão resolvidos, como se apenas o diagnostico fosse determinante do sucesso ou insucesso acadêmico do aluno.
A educação inclusiva e um sistema de educação de ensino em que todos os alunos com necessidades educacionais especiais frequentam as escolas comuns, da rede pública ou privada com colegas sem deficiência. As escolas comuns precisam prever recursos e apoio para atender as necessidades desses alunos. E importante ressaltar que apesar de o Atendimento Educacional Especial (AEE) estar direcionado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou com altas habilidades, os alunos com distúrbios de aprendizagem como dislexia, disortografia ou discalculia também necessitam de condutas pedagógicas especificas e diferenciadas, para melhor desempenho acadêmico.

O QUE É A DEFICIÊNCIA?

Para se preparar para a inclusão e importante conhecer as deficiências, suas causas e as limitações que elas trazem ao seu portador. Algumas síndromes se fazem mais presentes nas escolas comuns da educação básica em

seus vários níveis de ensino. Essas síndromes a pouco tempo atrás eram ainda desconhecidas da grande maioria dos professores pelo simples fato de estarem alheia ao processo educacional comum.
De acordo com o decreto n 3.298, de 1999, artº 4, deficiência física está definida como Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando comprometimento da função física, apresentando sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

O ambiente escolar precisar atender com estímulos e recursos que podem ser utilizados, com o objetivo de minimizar e ou eliminar barreiras que possam impedir ou prejudicar a acessibilidade física, a comunicação e a aprendizagem dos alunos. Esses alunos podem ter como proposta de auxiliar na inclusão do sistema educacional conceitos e abordagens atuais. Os alunos com deficiência devem ser atendidos mediante suas necessidades com mobiliários adaptados, jogos pedagógicos e materiais específicos com recursos tecnológicos que favoreçam a interação e o desenvolvimento.

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO ESCOLAR (ATE)
O acompanhamento terapêutico escolar (ATE) é o profissional que faz o papel de acompanhante da criança dentro e fora de sala de aula atuando como mediador e facilitador de um trabalho em conjunto com o professor para o desenvolvimento desta criança e buscando integrá-la ao grupo sempre respeitando seus limites e potencialidades. O acompanhante precisa observar a criança e promover um trabalho para descobrir o universo da criança e, com isso, construir condições para que ela possa frequentar a escola e aproveitar esse momento de modo particular. Profissionais de diversas áreas podem atuar como acompanhantes com metodologias aplicadas conforme a necessidade de cada criança, ressaltando que cada profissional irá trabalhar dentro do seu universo para definir a abordagem a ser usada.
O acompanhante funciona, então, como testemunha do que acontece nas situações cotidianas que o aluno vivencia na escola. Sua presença possibilita o reconhecimento das produções do aluno, assim como de suas conquistas, a presença do AT pode funcionar como aquele que faz a interlocução, mediando o ideal do professor e a realidade que estes alunos lhe apresentam no cotidiano escolar. Estas são algumas das funções do AT na escola que podemos destacar neste trabalho, que se direcionam na perspectiva da Educação Terapêutica, quer dizer, de alguém que sustenta, para a criança, as regras que regem aquela instituição, ao mesmo tempo em que dá lugar, dá voz ao aparecimento de seus interesses.

ESCOLA PÚBLICA X ESCOLA PARTICULAR
A inclusão escolar nas nossas escolas, para os deficientes, não é uma realidade em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas. Para que se possa receber alunos com deficiências e necessário um esforço de atualização pedagógica e reestruturação das condições atuais da maioria das escolas de nível básico, a educação para todos só se evidencia nos sistemas educacionais que se especializam em todos os alunos sem exceções. O sucesso da inclusão de alunos com deficiência na escola regular vem das possibilidades de se conseguir progressos significativos desses alunos na escolaridade, por meio da adequação das práticas pedagógicas e dos professores frente aos novos desafios se preparando e tornando-se um professor-pesquisador e a relevância da família em todo o processo é de suma importância.
As escolas da rede pública não possuem a mesma estrutura que a escola particular, o que dificulta ainda mais o trabalho de inclusão. Em um cenário comum e cada vez, as escolas públicas recebem alunos com necessidades e não possuem acompanhantes suficientes para auxiliar o professor em sala de aula. Muitos, inclusive são estagiários e possuem grande rotatividade não criando vínculos com as crianças e não estabelecendo

uma relação de confiança. A inclusão social muitas vezes acontece, mas a pedagógica fica a desejar.
As escolas particulares possuem maior estrutura e muitas vezes se preparam para receber os alunos, e as famílias tem poder aquisitivo para manter um cuidador que o acompanhe em sala de aula.

PROBLEMAS SOCIAIS – O IMPACTO DO DIFERENTE NA SOCIEDADE

Os problemas sociais vivenciados hoje no Brasil e no mundo, fazem com que se tenha um olhar diferenciado para as minorias, vivemos um período de extremismos, em que diferenças são usadas para discursos de ódio e para sustentação de preconceitos. As pessoas se afastam umas das outras e não conseguem se identificar nem mesmo com quem convivem diariamente.
O individualismo, a falta de compaixão e, principalmente, de empatia são alguns dos principais freios para a construção de um mundo sustentável e socialmente mais justo. Dividir, compartilhar ou juntar esforços são atos que encontram resistência mesmo sendo tão antigos quanto o próprio homem. Isso porque, numa sociedade tão heterogênea quanto a brasileira, o diálogo entre os diversos grupos e atores sociais torna-se, muitas vezes, estéril. Sem diálogo e sem se enxergar como semelhantes, os grupos que compõem o tecido social se isolam, provocando um esgarçamento que está na gênese de inúmeros problemas sociais, como a miséria, a fome e a violência. Entendo que, para combater o problema, é preciso investir em ações que reforcem o significado de grupo e gerem empatia entre os diversos grupos sociais.
Já que muitas escolas não possuem estrutura adequadas e nem profissionais especializados para receber alunos com deficiências e diferentes grupos, a proposta é desenvolver uma empresa que presta consultoria dentro das escolas e que oferece um projeto com um modelo ainda pouco conhecido no mercado: O de negócios sociais, focando na inclusão de crianças com algum tipo de deficiência e trabalhando principalmente para as crianças entenderem as limitações de seus colegas.
O principal objetivo deste projeto é mostrar a capacidade do ser humano quando ainda crianças de conviver com as diferenças dentro de uma mesma sociedade em um trabalho de dinâmica de grupos participando das diferenças para a inclusão social. A empresa promoverá interações entre crianças (em fase Pré-escolar e no Ensino Fundamental) a fim de estimular a troca de experiências entre grupos distintos. A ideia é oferecer atividades extraclasse que reduzam conflitos de gênero, classe, religião, entre outros. Por meio de um roteiro de atividades lúdicas e sensoriais - como música, esportes, artes plásticas e culinária - dois grupos enxergarão o mundo sob o ponto de vista do outro.

INTERAÇÕES

A InterAções se propõe a criar e organizar atividades que promovam o intercâmbio de experiências e gerem empatia entre grupos sociais diversos. A empresa irá promover interações entre crianças com o objetivo de estimular a troca de experiências entre grupos sociais distintos. A ideia é oferecer a alunos do ensino fundamental, atividades extraclasse que ajudem a reduzir conflitos de gênero, classe, religião, entre outros. O projeto piloto, por exemplo, pretende reunir alunos da Escola Parque, localizada na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, e participantes do projeto Urece, voltado para a integração de deficientes visuais pelo esporte. Por meio de um roteiro de atividades lúdicas e sensoriais - que inclui música, atividades esportivas, artes plásticas e culinária – será possível fazer com que os dois grupos possam enxergar o mundo sob o ponto de vista do outro. O projeto visa também parceria com ONGs e centros de reabilitação, para crianças com deficiência física, mental e/ou motora. Com o crescimento da população percebe-se cada vez mais as diferenças entre os grupos e a necessidade de interação entre eles.
InterAções vai tratar principalmente do desenvolvimento do ser humano que não possui nenhuma deficiência ou que viva qualquer tipo de preconceito e trazer como vivências para o dia a dia essas limitações e situações atípicas pois muito se fala de inclusão dos que tem uma necessidade especial, mas pouco se trabalha sobre a aceitação e quebra de preconceitos já existentes na sociedade, e como crianças tem maior facilidade em aceitar o

outro o trabalho sempre será focado nesse público.
Normalmente as crianças, quanto mais novas, menos preconceito possuem e recebem o aluno "diferente" de maneira bem natural pois a grande maioria inicia cedo na escola e acompanha sua turma. De uma maneira geral as crianças recebem bem, mas muitas vezes a falta de estrutura da escola pode criar uma barreira e com o passar dos anos, o a criança mais velha e jovens podem ter dificuldade de se relacionar.

INTERAÇÕES E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

Além da parceria com estas instituições, o projeto terá compromisso com a Responsabilidade Social, um comprometimento das organizações com relação à sociedade e a humanidade em geral, e uma forma de prestação de contas do seu desempenho, baseada na apropriação e na utilização de recursos que originalmente não lhe pertencem (Melo Neto e Froes, 2001a).
Todo o projeto adotará de ações práticas socialmente responsáveis e o desenvolvimento de atividades que visem o benefício comum para mudanças de comportamento e futuramente como exemplos de atitudes tomadas pela sociedade diferentes das atualmente.
Sobre a Responsabilidade Social, existem diversos conceitos para a expressão, dentre eles, o mais difundido no Brasil diz que:
A Responsabilidade Social é a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais que impulsionem o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais. (O QUE É RSE, 2009)
Integrar uma gestão e promover atividades em grupos de forma socialmente responsável é primordial para o sucesso do projeto, com uma proposta diferente daquelas já apresentadas ao mercado até então.

INTERAÇÕES NAS ESCOLAS E NA SOCIEDADE
InterAções terá como símbolo crianças de diferentes grupos da sociedade. Seu principal objetivo é se fortalecer nas escolas em contrapartida das atividades extraclasse. Por oferecer alguma experiência com aprendizado, embora não toque no diferencial da InterAções: a troca de vivências entre diferentes, a empatia e, indiretamente, a diminuição do bullying no ambiente escolar.
No cerne do projeto está a construção de uma sociedade mais fraterna. O individualismo e a falta de compaixão são alguns dos principais freios para a construção de uma sociedade sustentável e socialmente mais justo. Por isso, o principal problema a ser atacado e a falta de empatia entre os diversos atores sociais que formam o mundo em que vivemos.
Para combater o problema, é preciso investir em ações que reforcem o significado de grupo e gerem empatia. A proposta é criar uma empresa capaz de despertar este sentimento, igualmente, em indivíduos de diferentes grupos sociais. Grupos estes que muitas vezes dividem os mesmos espaços e estabelecem relações por vezes muito próximas sem se enxergarem como semelhantes.
A iniciativa aposta no compartilhamento de experiências em atividades lúdicas como forma de encurtar diferenças e aproximar os grupos que se veem antagônicos. Apesar de o trabalho poder ser dirigido a todo espectro da sociedade, as crianças em idade escolar, tem uma visão do mundo geralmente mais maleável e, por isso, estão mais susceptíveis à desconstrução de preconceitos.
A parceria com escolas do ensino fundamental e entidades culturais e esportivas para unir grupos de crianças de origens distintas de modo que possam trocar experiências em atividades esportivas e artísticas. O objetivo é fazer com que enxerguem valores umas nas outras apesar das diferenças que as caracterizam.
Além da óbvia adequação desta faixa de idade à proposta, um outro fator foi decisivo para que o projeto fosse construído da forma como o apresentamos: o crescente interesse das entidades de ensino fundamental, sejam públicas ou particulares, em atividades extracurriculares que tragam experiências enriquecedoras para seus alunos.
O negócio moldado e pensado busca atingir e alcançar o público de crianças e jovens em idade escolar no intuito de propor a participa-

ção destes em uma atividade extracurricular lúdica, buscando aprimoramento de características humanas.
Na fase inicial do negócio, será lançado o pacote de palestras e oficinas de curta duração, seguidas por atividades de dia inteiro. Havendo sucesso nos dois formatos iniciais, serão propostas viagens de final de semana com uma carga horária mais densa.
O público-alvo - crianças e jovens em idade escolar - tomará conhecimento e participará das atividades por meio da coordenação e equipe docente de sua escola, que repassarão as oportunidades a seus pais. O atendimento será prestado - em primeiro plano - à escola, que será o contato direto com as famílias. Após concordância com o formato proposto, a escola repassa o contato à nossa coordenação.

AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES
A proposta é dar oportunidade para todos os grupos vivenciarem a realidade do outro, seja a diferença física, mental ou racial. Sendo assim, esse trabalho de consultoria as escolas poderia ser periódico ou fazer parte da metodologia tendo em vista o melhor rendimento nas escolas e principalmente agregando valores ao ser humano contribuindo diretamente para o desenvolvimento de cada um. Um dos pontos altos desse projeto é o apoio pedagógico que terá papel fundamental para incluir e manter as atividades em andamento com responsabilidade nas atividades desenvolvidas e principalmente da reestruturação da escola capacitando toda a comunidade acadêmica para desenvolver o projeto.
As atividades extracurriculares são ações desenvolvidas em ambientes como quadras, salas de jogos, teatros, bibliotecas, praças e outros, antes ou após o período de aula na escola, cujos objetivos não necessariamente estejam ligados à educação formal (Mahoney, 2000; Mahoney, Harris & Eccles, 2006). Elas podem ser estruturadas com encontros e lugares definidos, acontecer regularmente, como aulas de música, esportes, atividades recreativas, de lazer, reforço escolar, apoio ao para casa, entre outras atividades, conduzidas por profissionais com experiência sobre a atividade em questão. No Brasil, observa-se que muitas ONGs têm desenvolvido projetos, cujo foco é o atendimento a crianças e adolescentes no contraturno escolar, por meio de aulas de teatro, esportes, informática, entre outras (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, 2003).
As ações socioeducativas conjugam educação e proteção social, ao atender crianças, adolescentes e jovens, com o oferecimento de atividades lúdicas, artísticas e esportivas. A maioria dessas ações visa ao público que se encontra em situação de vulnerabilidade social. Em alguns casos, elas são realizadas em parceria com o governo municipal, estadual ou federal e têm caráter de política pública (Carvalho & Azevedo, 2005).
A ideia é que este novo negócio se consolide como provedor de atividades extracurriculares de cunho lúdico na cidade do Rio de Janeiro, sendo então possível aspirar novos públicos-alvo. Espera-se abranger um grande número de escolas e que o máximo de crianças, jovens e toda a comunidade acadêmica tirem proveito dos programas no ciclo de um ano. Atendendo o público acadêmico conseguimos atingir também seus familiares e pessoas próximas que estão fora da rotina escolar e serão indiretamente influenciados por essas crianças e jovens.

O IMPACTO NA SOCIEDADE
Como sabemos que a resistência sempre fica por conta de pré-conceitos e de uma cultura já consolidada no país, o trabalho de inclusão escolar é uma proposta para atingir não só as crianças com deficiência, mas principalmente quebrar esses tabus e que as crianças possam levar das suas experiências aso conviver com crianças especiais até que possam atingir a sua família e toda a sociedade. As crianças vão aprender a aceitar melhor qualquer tipo de diferença e vai se tornar uma pessoa menos preconceituosa, vai se colocar no lugar do outro por conviver com um colega que tem dificuldades que ele não possui, vai aprender que comunicação vai muito além do falar, pode ser através do olhar e de gestos generosos. Que o colega diferente não é uma vítima e que deve ser tratado com naturalidade e principalmente que podemos estar sempre à disposição para ajudar o outro com as suas dificuldades e aprender a lidar melhor com suas próprias limitações dando valor as pequenas coisas.

Que o colega especial, assim como outro que não é pode e consegue sempre aprender e evoluir, conquistar e se superar.

O RESULTADO DO PROJETO NA SOCIEDADE

Promover interações entre grupos sociais distintos, gerando experiências transformadoras com o objetivo de criar laços de empatia entre os grupos. Somente por meio da troca é possível entender as experiências e emoções pelas quais outras pessoas está passando.

O projeto promoverá a atuação junto a crianças, agentes transformadores com capacidade de aceitar o diferente mais facilmente e de influenciar os adultos que estão a sua volta. Além disso, tais interações serão essenciais para fazer com que elas cresçam com um olhar diferente e sensível ao outro, reduzindo as diferenças e conflitos de gênero, classe, religião, entre outros.

Promover o intercâmbio de experiências entre diferentes. É criar oportunidades para que grupos sociais distintos participem de atividades juntos e percebam as diferenças, dificuldades e vantagens que o outro possa demonstrar em decorrência do encontro. Conseguir que grupos sociais consigam percebam não só as diferenças, mas também as semelhanças, e que as mesmas sejam capazes de aproximar os indivíduos, de forma que se enxerguem iguais e resgatem o sentimento de comunidade. Fortalecer a geração de empatia.

O projeto se diferencia de negócios já existentes porque tem como o seu objetivo principal o intercâmbio de experiências. A proposta é a criação de um ambiente em troca que permita que os indivíduos aprendam e ensinem ao mesmo tempo.

A InterAções visa acabar com a falta de empatia observada entre grupos sociais dos mais distintos, inicialmente oriundos da cidade do Rio de Janeiro. Difundir a sociabilização desses grupos no intuito de gerar maior conhecimento e reconhecimento entre eles (ex.: crianças de situação humilde e crianças que estudam em uma das instituições mais prestigiadas da cidade), sendo facilmente replicada em outros ambientes dado seu formato simples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fala-se muito da educação inclusiva no ensino regular, mas pouco se sabe sobre as deficiências e as necessidades desses alunos, sendo assim essa pesquisa tratou de assuntos relevantes ao tema discorrendo sobre diversos assuntos na área. Os recursos e as propostas aqui apresentados não determinam padrões estabelecidos para a inclusão educacional e social. Essa inclusão e um fazer permanente e a comunidade acadêmica deve estar sempre atenta as novidades, e uma ação coletiva onde deve se envolver também a família em um movimento transdisciplinar que inclui a equipe de suporte (médicos, fisio, fono...) e toda a comunidade.

Os desafios sobre a inclusão inclusiva nas escolas comuns e tudo o que envolve o diferente. Apresento algumas deficiências e a importância em conhece-las antes de se lidar com as crianças que precisam de apoio, cito a importância e o trabalho do acompanhante terapêutico e a diferenças e dificuldades das escolas da rede pública e da rede particular. Acredito que esta pesquisa alcançou os seus objetivos propostos, tanto o objetivo geral trazer empatia e conhecimento de uma realidade que essas crianças não vivem e mostrar a capacidade do ser humano quando ainda crianças de conviver com as diferenças dentro de uma mesma sociedade em um trabalho de dinâmica de grupos participando das diferenças para a inclusão social, assim como os objetivos específicos que engloba em promover a empatia e vivência para as crianças que não possuem necessidades especiais, inclusão educacional as crianças com necessidades especiais, que a criança leva o seu conhecimento para a sua casa iniciando uma rede de empatia aos adultos que não participarem diretamente das atividades, sensibilizar toda a comunidade acadêmica e aprimorar o conhecimento dos docentes para lidar com as diferenças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; NUNES, Maria Fernanda Rezende; ANDRADE, Eliane Ribeiro; FARAH NETO, Miguel; MUNIZ, Maria Ângela Carvalho de Oliveira; CASTRO, João Paulo Macedo e; LEITE, Ana Maria Alexandre; GIL, Luiz Carlos. Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. In: ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). Brasília: Unesco; Ministério da

Educação, 2004. 124 p.

ANTUNES, Celso. Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como um espaço de crescimento integral. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ANTUNES, Celso. A prática dos quatro pilares da Educação na sala de aula. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção na Sala de Aula).

BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. Um olhar sobre a diferença: Interação, trabalho e cidadania. Ed Campinas, SP: Papirus, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília-DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069compilado.htm Acesso em: 18 mar. 2024.

DRAGO, R. Síndromes: Conhecer, planejar e incluir. Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

FRIEDMANN, Adriana. Dinâmicas criativas: um caminho para a transformação de grupos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FRITZEN, Silvino José. Exercícios práticos de dinâmica de grupo (Ir. Amadeu Egydio). 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOMES, Celma Borges (Coord.). Violência nas escolas: uma realidade a ser transformada. Curitiba: Juruá, 2013.

MASINI, E.F.S. A Pessoa com Deficiência Visual: Um livro para educadores. Ed. São Paulo: VETOR, 2007.

MONTEIRO, Aida; PIMENTA, Selma Garrido. Educação em Direitos Humanos e formação de professores(as). São Paulo: Cortez Editora, 2013.

MORAES, Sílvia Elizabeth. Interdisciplinaridade e transversalidade mediante projetos temáticos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 86, n. 213/214, 2007.

PARO, Vitor Henrique. Gestão escolar, democracia e qualidade no ensino São Paulo: Ática, 2007.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Relações interpessoais: abordagem psicológica. 4. ed. atual. e rev. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Rede e-Tec. 2012.

RODRIGUES, M. C; DIAS, J. P.; FREITAS, M. F. L. Resolução de problemas interpessoais: promovendo o desenvolvimento sociocognitivo na escola. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 4, p. 831-9, 2010.